

Madame Bovary

PERSONAGENS

CHARLES BOVARY

HELOISE DUBUC

CHARLES-DENIS BOVARY

MÈRE BOVARY

NATASIE

BERTHE

CRIADOS

PÈRE ROUAULT

EMMA ROUAULT

PROFESSOR

CONFESSOR

MARQUÊS DE ANDERVILLIERS

MARQUESA IDEM

VISCONDE

JÚRI

FELICITÉ

MONSIEUR HOMAIS

LEFRANÇOIS

HIVERT

BINET

DUPUIS

CANIVET

TUVACHE

AMA

BOULANGER

MONSIEUR LHEUREUX

DUBOCAGE

GUILLAUMIN

LESTIBOUDOIS

EMMA PEQUENA

COCHEIRO

Homens, Mulheres, Criados, Criadas, Estudantes, Padre

PRÓLOGO

Que abra a uma sala de ESTUDANTES em baixo, com o PROFESSOR adentrando CHARLES, de chapska, calças amarelas e meias azuis e o casaco verde, os que estavam a dormir levantando a cabeça, e cochichando entre si, etc., comoção

PROFESSOR

Vá-se sentar.

(senta-se o CHARLES, e mete o boné no colo, muito reto)

Agora levante-se, dado está o assento

Lhe verifiquemos agora a atenção.

(levanta-se e cai o boné, e riem-se ESTUDANTES todos, e ele vai buscá-lo, e pondo na cadeira, um deita-o ao chão com o pé, e ele vai lá outra vez, e então aproxima-se o PROFESSOR)

Desembarace-se!

Vá, seja homenzinho.

(o CHARLES senta-se, pondo o boné nos joelhos, e riem-se TODOS)

Levante-se disse eu.

(ele levanta-se)

Diga alto

Diga o nome.

(ele diz, não se ouve)

Repita. Mais alto!

(algazarra na turma, nada se ouve, então vai o PROFESSOR ao quadro)

Diga?

CHARLES

Charbovari!

(riem-se TODOS, o PROFESSOR pedindo letra a letra, e eles mandam-lhe com papéis, etc., enquanto lentamente, no quadro, aparece, Charles, Bovary, ele soletrando, ido junto ao quadro)

PROFESSOR

Caluda! Vou-vos meter todos de castigos, todos!

(vai acalmando a sala, o CHARLES não se senta)

Que procura?

CHARLES

(não tem cadeira nem boné)

O meu boné;

ESTUDANTE1

Está debaixo da cadeira.

(riem-se baixinho alguns, junto à mesa dele)

PROFESSOR

Quinhentos versos à turma inteira! E o moço novo

Vai-me copiar vinte vezes o verbo, ridiculus sum.

A juventude é com'ó vinho, fica bom com o tempo

Tirai-lhes a rolha, vira vinagre.

CHARLES

Bem eu sei Professor

Já desde pequeno me dav'às escura o meu Pai rum.

(a sala ri abafada)

Que haja PANO a baixo, e abra a cima o PANO entrando a MÈRE BOVARY e o DENIS BOVARY

CHARLES-DENIS

Prepara uma festa mulher, o nosso Charles passou

E vai ser de medicina graduado.

MÈRE BOVARY

(à parte)

Pois, fará daqui

Cinco anos, que este Pai austero saberá que filho

Viciado em jogar dominó (ido da terrinha à cidade

E da cidade a maior prazer), chumbou este exame.

Mas fazer contas a Pai contente não conta, e recebo

O meu Filho como campeão.

CHARLES-DENIS

Que rezas tu aí mulher.

MÈRE BOVARY

Que nos chegue bem e são.

CHARLES-DENIS

Ó tão praxado me ia

O tempo do entretanto, que amarela ou roxa-azul
Não sei a cor do dia, que olhando o rio de noite
Pinta-o sempre diferent'o Verão. Eu sempre soube
Que lh'ensinar as letras como tu querias era errado.
Vês, não precisou nada delas. Em certos homens,
Uma vez provada a preguiça, nunca se livram dela
Que é uma vinha, de trago e bago interno, e nada
Por bem a foge.

MÈRE

(à parte)

Já não vai às aulas faz cinco meses.

(a ele)

Agora só lhe falta uma mulher.

CHARLES-DENIS

Sei bem eu uma eu,

Filha rica, só tens que fazer a um salsicheiro intriga
Que acho que nos faz caso, que o apoiam os padres.

MÈRE

A Dubuc? É um bom partido, eu faço das minhas.
Viúvas não são más, que como mar morto ressuscita
Vindo num vento a onda, também esta, duzentas mil
Sopros de libra o terão livre, e é só questão de render.
E sei eu dum médico velho que morre em Tostes.

CHARLES-DENIS

Metemo-lo lá a fazer ofício, há de dar.

MÈRE

É bom moço.

Saem AMBOS de cima, e então entra CHARLES e HELOISE, que é a dita

CHARLES

Estavas a ouvir através do tabique?

HELOISE

Meu amor, eu?

Perdoa, se tem amor ouvidos!

CHARLES

Já não vou eu vestido

Como tu dizes?

HELOISE

Pecado teu não gostares de flanela.

Era a tua doente que falava em gemidos muito altos

Eu nem fiz com'ó galgo raposa, subir-m'as orelhas;

O ruído faz-me mal, preciso do meu chocolate amor

(pondo-lhe os braços ao pescoço, ele suspirando fechando os olhos)

Acho que me dói a cabeça outra vez, que dizes tu

Qu'és médico, mete lá os lábios a ver que te me diz?

CHARLES

Humores não se provam com nervos, mas isso passa

Ou dou-te eu o remédio.

HELOISE

Ai Charles, um pouco menos

De Xarope, e mais Amor!; faz assim, abraça-me tu.

*Que haja PANO, ela metendo os braços dele à volta de si mesma, e pondo-o a fazer-lhe mimos,
fechando os olhos toda contente*

PRIMEIRA PARTE

ATO 1

CENA 1

Que abra a baixo o PANO, ouvindo-se um freio dum cavalo, e aparece NATAISE, abrindo ferrolhos a uma porta, e que entre um CRIADO, que lhe dá uma carta

NATAISE

Selo azul?

CRIADO

Chame o dono da casa. É-nos urgente.

Sai NATAISE, e então entra CHARLES, em roupa de dormir, com os olhos semicerrados

CHARLES

Diga meu bom Senhor.

CRIADO

Ofício, que venh'a Bertaux

Que o Senhor da herdade partiu a perna hoje tarde.

CHARLES

Faz seis boas léguas a travessia.

CRIADO

Vou indo primeiro

E digo a um moço que o aguarde p'lo ido caminho

Que lhe abra o portão e diga onde é.

CHARLES

Lho prometo

Saio quando fizer luar.

Sai CRIADO

CHARLES

Nataise deixa a tua Senhora

Que a larguei a dormir. Virou-me as costas logo

É sinal que não dorme, mas não a quero ouvir

E se perguntar já fui. Vou-me enfiar num canto

Ver se me deixa em paz e posso imaginar o caso.

Sai NATAISE

CHARLES

Faz bem nova clientela, e que m'erice a plumage'

O frio como faz à macieira, e a planície eu estenda

Do cá agora ao meu estudo, vou lavar-m'a cara

Qu'ainda vai a alma untada do fundo fosso do sono.

Sai CHARLES, e havendo PANO a baixo, aparece em cima ROUAULT na cama todo suado, junto a ele EMMA, cosendo, e um ou dois CRIADOS

EMMA

Já meteu um toco na lareira?

CRIADA1

Já fui buscar a lenha

Já meto, já meto.

EMMA

A um preso por doença, é fogo

Como o primeiro raio do sol criado, não esqueça

Que s'apanha frio é uma pneumonia, e roubado

Vai este pulmão-pai, que nos ferve o almoço.

Entra CHARLES, e aí o ROUAULT geme só agora muito teatralmente, levando o verso da mão à testa, em aiai's

EMMA

Ai que ele fica pior Senhor Doutor, ajude-nos!

CHARLES

(examinando a perna)

Isto é um praguejar de doze horas, presumo eu.

CRIADA2

(de lado)

Acertou, que porquanto não se calou de juras

Numa hão duas.

EMMA

Tem cura meu Senhor?

CHARLES

Tem;

Graças a Deus cresce osso a osso e pele a pele

E faz carne como amor ao corpo, com tempo

Da falta encher.

ROUAULT

Ó que alívio me diz, Senhor

Até me volta a voz e já não gemo!

CHARLES

A carícia

Sendo médica unta bálsamo à alma, e visto

Nunca se viu, bom médico rude. Senhora

(a CRIADA2 distraída salta na cadeira)

Vá-me buscar ao telheiro um feixe de ripas

Não sei se tem, mas vindo passei eu por ele.

Faço-lhe talas.

Sai CRIADA2, e há de voltar, com algumas, entretanto

CHARLES

E vós Senhor Molenga, vá-me

E rasgue dois lençóis, p'r'à ligadura do Isaque.

Sai a CRIADA1 a fazer o dito, e entra a CRIADA2 com ripas, e o CHARLES com uma lasca de vidro que trouxe, aplaina-as, e corta ao uso, enquanto isso, EMMA cose, e pica-se nos dedos, e aqui há a dita ação geral do penso

ROUAULT

Oh já me sinto recuperar, fez-me penso bengala

E o coração já manca. Não vá já embora Senhor

Charles se não estou em erro, fique e coma algo

Não vá que o ofenda, o costume provinciano.

CHARLES

Ah

Nada; agradecia. Eu venho de três em três dias

Para ver o estado do penso.

ROUAULT

Vá com Deus e volte.

Ficamos combinamos, s'ó acaso não importunar.

Sai CHARLES, e acompanha-o EMMA, e aparecem a baixo abrindo o PANO a lá, e fechando o de cima, e come ele à mesa, preparado lá comer

CHARLES

Não era preciso nada de especial

EMMA

Fiz Senhor

Como se fosse a meu marido. Ou um Irmão;

CHARLES

É bom hábito, conseguir fazer assim amigos.

EMMA

Não que faça eu quaisquer.

CHARLES

Nem eu o sugira.

(silêncio, ele prova, ela olha como para fora, e vai o vento)

Tombou-lhe os feijoeiros.

EMMA

É um traquina o vento

Joga com força que não deve, junt'o que não pode;

CHARLES

É, faz o tempo a vida.

(sorve a sopa, silêncio)

Despeço-me do seu Pai?

EMMAv

Já?

(que estava de costas, vira-se a ele, e vai um passo)

Já comeu tudo.

CHARLES

Por hábito não espero, de tomar

(vai a ela)

A mim o que já quero.

EMMA

(olha-o para cima)

E de mim, procura o Senhor

Alguma coisa?

CHARLES

(um segundo)

O meu chicote, se faz favor.

EMMA

(atrapalhada, procurando)

Ah, ah

Sim.

(que estava atrás dum saco, ela indo pegar-lhe, por delicadeza o CHARLES dobra-se também, para lhe aliviar o esforço, e ela roça subindo, contra o peito dele, e fica toda vermelha, e dá-lhe as costas)

Aqui.

CHARLES

Perdoe-me

EMMA

Não, a mim.

CHARLES

Queria ajudar.

EMMA

E ajudou. Se não a causa o meu dia.

CHARLES

O seu dia?

EMMA

Pelo que fez ao meu Pai.

CHARLES

Ah; a isso sou eu bom

A dar ao corpo remendo.

EMMA

Não é pouca coisa, Charles

(olhando sobre o ombro, mostra o chicote, sobre o ombro de que olha)

Que também de osso, se cobre o coração.

CHARLES

(tomando)

Até um dia.

Que haja PANO, ele olhando para trás antes de sair, e ela levando o verso da mão à boca, de costas

CENA 2

Que abra a cima o PANO, a cena limpa, HELOISE, com um livro nas mãos

HELOISE

Consigo imaginá-la, com o avental pelas ancas
Nua por baixo, a espanar o velho morto, e ele
A passar-lh'a mão (pois que uma laborar mostre
E outra como quem diz o seu pagar), uma Emma
De bela educação. Aposto que já lh'ensinou tudo
Da dança que faz um mapa, e ele lhe sabe as capitais
(Que do corpo fêmeo são duas, ou se se quiser três
Depende do uso, que a mim pelo menos é-me nulla);
Mas eu não lhe vou dar o prazer de saber qu'eu sei
E m'afeta o detestar; darei desabafos d'alusão
E reflexões de lado, como d'instinto do mês sangue
Que pareça que pouco a pouco me desfaço, por algo
E estações e estrela, serei e não o brilho dela.

Entra CHARLES

HELOISE

Ó tu

Ond'andaste?

CHARLES

Eu querida? Tu sabes, a cuidar do velho.

HELOISE

É por isso que te mostras todo sorridente quando saís?

CHARLES

Porquê, que foi?

(tirando o colete, para o pousar)

HELOISE

Colete novo, até que chove, antes ido
Que troc'á hora, achas que eu não sei, que tem lá uma?

CHARLES

Uma quê, uma doença eu trato.

HELOISE

Intriga pretensiosa, ó!
Uma pessoa! Domingo na igreja logo a vi, em seda
Acha qu'ê condessa. Estava aqui para não te dizer,
Que sou melhor amante que tu, mas agora já disse.
(*rasga a capa do livro*)

CHARLES

Que estás a fazer?

HELOISE

A refazer este livro de contas,
Aqui marcas quanto te pagam (e não pagam nada
Que tu és manso e não cobras porque és burro)
(*escrevendo*)
E vou escrever aqui, livro da missa, e vais pôr cá
Tu a mão, e jurar que não voltas lá.

CHARLES

Mas Heloise,
Meu amor do coração, jurar aí?

HELOISE

Mete a mão pacóvio
Vou-t'a cheirar ver onde andou, que pondo a peito
A palavra d'honra já vi que não vou a lado nenhum.
(*ele mete*)

Diz, juro não amar-

CHARLES

(repetindo respondendo-lhe, com a mão direita ao ar, como quem repete o Pai Nosso)

-Quem me proíbe me permite.

HELOISE

E não darei cornos à minha mulher-

CHARLES

-Hipocrisia,

É imaginar haver, ao amor ingénuo procedimento.

HELOISE

E quando o meu olhar desviar-

CHARLES

-Intimarei eu a causa.

HELOISE

(toda contente, ao pescoço dele, larga o livro e levanta o pé)

Ó meu amor! És o meu coração, e hoje soluço-te

Amanhã dou-t'ó beijo, que é p'ra não t'achares.

(beija-o, e ele virando o queixo, ouve-se bater na aldraba)

Não me digas que é ela seu vagabundo!

CHARLES

Quem será?

Entra NATAISE, entrando CHARLES-DENIS e a MÈRE BOVARY

CHARLES-DENIS

Ladra!

HELOISE

Quem? Não sou eu de corações.

CHARLES

A que viestes

Pai e mãe?

CHARLES-DENIS

Ela mentiu-nos; tem hipotecas abarrotas
Até aos alicerces. Cantam barrocas as dívidas dela!

HELOISE

(começa a chorar muito caindo aos joelhos, a dizer que não com a cara)

Mentira!

MÈRE

Eu sabia que tu eras mau partido Heloise.
Sempre soube.

CHARLES

E pagá-las?

CHARLES-DENIS

Sobram-lhe mil escudos.

HELOISE

Vou ficar doente! Estou doente. Sinto-me fraca já.
Segura-me Charles, ou não me vais defender agora
Frente aos teus Pais?
(desmaia)

MÈRE

Ai meu Deus!

CHARLES-DENIS

Isso é só fita.

MÈRE

É o teu filho que é médico. Olha o que tu fizeste
Mataste a Senhora.

CHARLES-DENIS

Deus me livre e a meu filho.

CHARLES

(dedo à jugular)

Ela já vinha, a escarrar sangue.

MÈRE

Desde quando?

CHARLES

Não conto nada à minha mãe, é de Natureza
Que ela não saiba, vi-a assim a estender roupa.
E olhai, parou de respirar.

CHARLES-DENIS

(há um silêncio muito calmo, e este suspira e encolhe os ombros)

Bem; pagamos-te

Ou não o curso? Compõe-na, até nos fica mal.

CHARLES

Jura que vives Heloise! Tu a tua mão ao peito!

(a MÈRE leva as mãos à boca)

Que haja PANO a cima, o CHARLES bofeteando a HELOISE, que não reage, abanando-a

CENA 3

Que entre a baixo abrindo o PANO, ROUAULT, com muleta

ROUAULT

Ande cá Charles, eu bem sei como é perder alguém.
Quando perdi a minha, andava tão invisível na vida
Como a toupeira pela água, com'o pirilampo ao fogo.

Entra CHARLES, cabisbaixo, como atrás devagarinho, de mãos nas costas

ROUAULT

Estava que nem comia quase doido, com'o Senhor
Que parece o Beethoven mas só à alegria surdo.
Que assim acontece, como levar com o cajado
Aqui no lombo, quando desaparece desta terra
Uma pessoa qu'até só dizia tolices. Quando formos
(Nós que só dizemos coisas boas), quem sabe
Quanto chorarão os rios.

CHARLES

Eu não sei o que lhe dizer.

ROUAULT

Volte lá a casa, faça-m'esse favor. A minha Filha,
Vai dizendo, aposto que já se esqueceu de mim.
(ele levanta os olhos, apanhado)
Daqui a pouco é Primavera, e brot'à cur'ó tempo
Desta minha canela, e vamos caçar coelhos juntos.

CHARLES

Já o trouxe à liteira, vai bem sozinho?

ROUAULT

Vou, eu vou.

Graças a Deus há-nos ombros sem homem, Doutor
Já gente que não nos dê com o ombro, não conheço.

Sai ROUAULT, pela direita

CHARLES

Pois que se fossem estes ruídos que nos perseguem
As coisas que nos tomam, bastaria eu chegar a peito
Este medo e revisá-lo, como se d'avesse se pudesse
Em mãos dar coração preso, e dizer, Emma olha
Está aqui, o meu amor todo, que porquanto prende
Mais te corre, que quanto mais te rego mais me pende.
Mas não é assim, e que palavra certa cunharemos
Aqui nas rugas fundas da mente educada, que nova
Fale a novo amor, e não nos atrapalhe, gaguejando
Verso cunhado no dia anterior? Há de ser como quê
Isso de dizer a coisa certa? De acertar a medida
Inconsciente? A minha mãe ensinava-me poeta
O meu Pai o palavrão, e hei de ver em que meio
Dos dois melhor se jura. Sou uma fraca figura,
Que fantasmas de carne perdida, dum lado dão
E como um peão rodando, um rumor velho vem
E beleza fácil me puxa, sendo a Emma de ninguém
E eu, de quem? Dormir ao comprido na cama é bom
Chegar quando quero, partir quando m'apetece
Comer a proveito, dormir quando canso. Mas oh,
O viver sozinho, a homem reto, é como a poeira
Qu'assopra o Inverno abaixo das lajes. Para quê
Desta vida que é terra, viver tão baixo? É o medo
Parto e barriga da coisa. Sou como uma viga de lagar
Prestes a cair. Já me deve ter visto corar o Rouault
E logo se fermenta em Amor. Ou faço com'à lua
E roubo o brilho do sol: Tio, eu amo a sua Filha
Deixe-me casar consigo. E há de dizer que sim;

Há a questão do meu luto é certo, mas Tio Pai
Abrace o seu futuro genro, por delicadeza já vejo
Emma forçar um sorriso. Aposto que já se disse,
Este não m'agrada muito, mas dizem ser instruído
E ser boa pessoa, e não ser demasiado exigente
Com o dote. (E realmente, não seria, que ma dessem
Eu não reclamava), e já disse de si para si, se ma pedir
Eu dou-lha. E então que dê.

Sai CHARLES, fechando a baixo o PANO

Que então abra a cima o PANO a uma mesa longa, e vêm e vão CRIADAS em branco de casamento, pondo doces e bolos e cadeiras e então entra MÈRE BOVARY, bem vestida, de casamento, a apontar a luneta a tudo, perto

MÈRE BOVARY

Não vai mal a coisa, mas
Que não me perguntaram pelo vestido da Nora, nem
Sobre os pratos do banquete, andarei o dia cá todo
Com o nariz empinado, a dar silêncio a toda a gente.
Como Dionísios já vi amigos desavindos lá fora,
Qu'a boda é bacanal a certa gente, e se convida toda
E até os afastados, feitos frescos, parados a estátuas
De virem tão longe se barbearam às escuras, e se veem
Já mosqueados de manchas rosadas, como havia antigas
Estátuas também. Onde anda o meu Amorzinho,
Vou a ver, que veio com casaca de corte militar, loira
Já seduz, e se o fizer antes do café é mau sinal
Que me vou despedir cedo e não o controlo (nem aturo).

Sai MÈRE BOVARY, ouvindo-se um rabequista tocar ao fundo, e então entram MOÇOS, MOÇAS, HOMENS, MULHERES, e há aqui ação em geral, de comer e beber e rir, que em baixo abre, e há outros HOMENS em bêbada galhofa a tentar levantar os Carros em que vem gente, outros bebem champanhe e enchendo as bochechas, tentam acertar nas Carroças que passam, pela janela, MULHERES mais velhas de dentro com guarda-sóis tentando acertar-lhes, MOÇOS em cima a

estragar o bolo e CRIADOS a corre-los, passam HOMENS com MULHERES de mãos dadas, como fugindo, em cima saem os Bolos e vem a sopa, outros abraçando as suas MULHERES, e vai assim correndo a luz de dia a tarde, e de tarde a noite, morrendo a música, acalmando tudo, e vão saindo derrotados os ditos, rastejando pelas estribos, e então removem a mesa em cima, CRIADAS, e entra NATAISE a cima, e põe um ramo de flores de laranjeira atado com fitas de cetim branco noutra mesa, como de casa, e em baixo, o ROUAULT chorando, despede o CHARLES e a EMMA, dando-lhe um ramo de flores de laranjeira, que saem, no dito objeto, e então vindo alguém consolar o ROUAULT, eventualmente fica tudo calado, e ouve-se cantar os pássaros da matina, e aparece a cima, o CHARLES e a EMMA

EMMA

Que é isto, Charles?

CHARLES

Isso? Algo que alguém deixou

E está fora do sítio.

EMMA

Que fique esse e vá o meu.

CHARLES

Não;

É só uma recordação.

CHARLES

Vais deitá-lo fora.

EMMA

Vou guardar;

Sai CHARLES, a guardar o ramo

EMMA

O meu ramo de noiva vem numa caixa de cartão,

Que faria ele dele, se eu morresse? Pobre casa,

Vou ter de mudar tudo, pintar a escada fazer bancos
Retirar os globos dos castiçais, meter papéis novos;

Entra CHARLES, e vai logo a ela, beijando-a

EMMA

Que foi Charles, não te chegou a boda?

CHARLES

Já passou

E vou ter de ir trabalhar.

EMMA

Então vai, que me voltas.

CHARLES

Vais-me ver ir de cima?

EMMA

Afivelar as esporas no muro.

E soprar-te-ei uma pétala da minha boca.

CHARLES

Eu a como.

(beijando-lhe as costas, e os braços, e o pescoço, ela meia aborrecida meia sorridente, fugindo-lhe com o queixo)

EMMA

(para si)

Que é o amor embriagado de que tanto li? Contai-mo

Beijos molhados, que eu bebo, com lábios sorventes.

(agarrando-lhe nas bochechas, retribui, ganhando-lhe)

Que haja PANO a cima

CENA 4

Entra EMMA PEQUENA a baixo, e IRMÃS, uma delas Priora, todas no hábito, e tem à direita um confessor, com CONFESSOR dentro

IRMÃ

Vai ali dentro falar ao Padre que és ainda noviça,
E confessa-te, Emma. Emma quê?

EMMA PEQUENA

Rouault, Priora.

IRMÃ

(entre elas)

Nome labrego,
(alto agora)

vai lá vai, e não te guardes ao Padre.

Que entre EMMA PEQUENA ao CONFESSOR, e saiam as IRMÃS, e se veja aqui só a cara do CONFESSOR pela grelha, que a primeira dita é demasiado pequena, e sentada não se a vê

CONFESSOR

Diga-me seu nome.

EMMA

Emma. O meu Pai prendeu-me.

CONFESSOR

Convento não é prisão, e faz bem às meninas boas
Vir fazer tempo. Diga-me os seus pecados, Emma.

EMMA

O meu maior pecado Confessor eu julgo, é vir cá
Só por inventados pecadinhos.

CONFESSOR

Mentir é feio.

EMMA

Não;

Pior é o prazer que sinto em fazer assim, que o deixo
Inconsciente do meu jogo, e vejo-o como uma ruína
Entre a verdura que aparece. Como a trovoada longe
Imaginando-a num barco.

CONFESSOR

E porque fazes isso, Emma?

EMMA

Para ficar aqui mais tempo. É dizer que sinto gosto
Um pecado, Confessor? Aqui onde tudo nos passa
E nós vamos sem escolher? É como estar no Carro
E ele abana, e o bebé dorme, por vezes toda a vida.

CONFESSOR

Tema Deus menina, tema Deus.

EMMA

Temer mais me praz;

Padre, temer é uma grande corrida, não é? A este
Nosso ancoroso coração? Se me der proveito digo-lhe
Eu tomo, seja susto seja lido. Des' qu'alimente
Este coração sedento, a mim dá. Eu amo a ovelha
Doente com os cascos atados. Um sagrar agudo
Por quantas flechas uma fonte jaz. Jesus caído
Sob o peso do madeiro m'apaixona. Adoro eu ver
Um homem em bom esforço.

CONFESSOR

Emma, onde aprendeste

Tu isto tudo?

EMMA

Nesta cruz de cobre. Fui assim nascida
Com demasiado engenho para o meu sexo, como diria.
Eu prezo as coisas, porquanto me sentem só.

CONFESSOR

Hei de ver

Que aquela solteirona filha dos fidalgos arruinados traz
Debaixo da batina.

EMMA

Choro bicas lendo os romances dela.
Mas não diga que disse, se se portar bem ainda os lê
E olhe que são bons. Se o meu homem não tiver cavalo
Então que pinte o burro de branco, se não não o quero.

CONFESSOR

Ouçã Menina, tire da cabeça estas maquinações vis
Que ainda não tem idade para saber, mas estes creres
São contágios de gente pueril, que cresce criança
E acha que não há deveres nem punição. As inocentes
O mais que fazem da vida, é como de gaiolas góticas
Estender a mão, para pousar numa rola um carício.
Mais, é tentação. Desfolhando malmequeres mulheres
Que ainda picam os dedos na lavra. Era de se ver;
Querendo cobrir as salas com tapanarias de Turcos
Tigres à direita Leões à esquerda, como dizendo
A quem entre: aqui comem, e s' é comido. Mas não,
Querida Emma, florestas só virgens, e a cor do fogo
(Que nunca se pega mas lhe metemos a mão) cinzenta
Nunca será, por muito que um cisne nade, pret'ou branco.
Estás-m'a ouvir Emma? É rude não responder. Emma?

(passado um segundo, sai e abre a porta do confessionário dela, e ela adormeceu, com um livro de rezas que lá tinha, aberto em cima da cara, como a tapar-lhe os olhos, de braços cruzados e boca aberta, e ouve-se então rressonar baixinho)

A moça adormeceu-me. Esta não tem correção. É ver
Que um dia se s'apanhar podendo, nunca s'acanhará.

Que haja PANO a baixo, e apareça a cima do PANO, EMMA dormindo numa poltrona, com um livro aberto como na cara, de boca aberta, e braços cruzados, e agora acorda como sobressalta, batendo alguém aldraba

EMMA

Pequeno grande hábito, dono do sonho, fazer-nos ver
A paz que nunca soubemos, a irritação de não a ter.
Agora estou aqui, que fazer? E como quando repousa
Pachorrenta sobre o caudal da vida, estátua pequena
De grande pessoa, tranquilos nunca, os palácios da mente.
Que tendo tudo fogueira d'altar antigo, ainda queima
Toco de passada coisa, e abre cunha de certez' à mão
E ficam corredores com fome de casa. Sim tenho paz,
Mas que na contenda entre próprio estilo e excesso
Arremessem aríetes e as vigas não chiem
E contra cada torre mais alta que a antiga, dito fique
Palácio mesmo de não se ver, contra que coisa maior
Medo tremendo, nenhum espirro de terra tombe
Algo que por costume firmou a sua convivência
E como quem é, trincando onde é, por saber a sua fé
Agora agarre, dent'e siso, onde resiste por nada-novo
E podendo com tempo sapata levantar-se, não diga
Coisa que revolve sem saber porquê: onde sou eu?
Que por igual confesso, cresci, mas aqui não me sei.

Entra CHARLES

EMMA

Charles, meu querido, tanto te amo. Já foste procurar

O que é que era aquele termo de equitação?

CHARLES

(calmo, sem olhar para ela)

Ah, hei d'ir.

EMMA

(para o lado)

Oh, como eu ressinto calma tão permanente, lua de mel
P'lo menos de cor muda, qu' é branca e amarel' à doçura.

CHARLES

Não imaginas quão feliz eu estou, Emma, de possuir
Eu alguém assim.

EMMA

Eu também te amo tanto.

CHARLES

Que fazias?

EMMA

Nada.

CHARLES

Sinto que tinha algo a dizer-te.

EMMA

Eu te esqueço.

CHARLES

Onde vais?

EMMA

Estou cansada hoje.

CHARLES

Quero falar contigo.

EMMA

De quê?

CHARLES

Em geral, estar.

EMMA

(honestamente, como quem o é de acordar, passando a mão na cara)

Mas a tua conversa, Charles

É tão aborrecida.

(há um segundo de olhos, e depois ela vira-se de ombro a ele)

Ai, desculpa. É desta dor de cabeça,

Não liguês, o espírito diz demais quando sente menos.

Não me esperes acordada, julgo que vou tombar logo.

Sai EMMA

CHARLES

Não m'ofende, sou melhor que estes assombrados

Que a minha Mãe deste humor me joga. Esfrego,

Como uma peneira emprestada ao coração, e vejo

Que ainda me ama. Diz que é acima da sua condição

Que gasta como não deve, e andam todo o dia

Uma pegada à outra, em palavras doces e voz tremida.

Há de ser por isso que me evita, que não me quer.

Deixa-se ensinar pelo menos, e a satisfaz, mas vem-me

Como mãe que perde do filho apego, e recorda-me

Todos os trabalhos e sacrifícios que por mim fez

E que é injusto trocar uma mãe por uma mulher,

E ser ela agora a minha preferida. Mas que exclusão

Já um Filho sempre sente, perdoe-me Mãe, eu amo.

(suspira, e abana a cabeça)

Conversa; não é a conversa como o passeio humano?

Que revestido a pés de todos, não é Jardim? Sei lá

Que é equitação, não a sei ensinar. E procuro sempre

(Sem dizer, que o perguntar me teme ela não me dar)

Vê-la de olhos o meu olhar, que lhe julgue a alma

Como na núpcia, onde rodando de lado nos vemos

Tão pequeninos, na vista vácuo duma pomba, arfar.

Que haja PANO a cima, o CHARLES apanhando o livro do chão, e abanando a cabeça, como de quem não entende nada do que lá tem, e abra a baixo EMMA, a passear a Galga Italiana

EMMA

Porque é que eu casei? Como hão de estar bem,

As ruínas do Convento, que casaram na cidade

E podem ir ao Teatro. Aqui mesmo que passei

Esta prenda do meu Marido, não tem o bosque

Ninguém qu'um olhar me lance, e faça bater

Este coração viciado no que nunca viveu. Fosse

A minha vida desta cadela (a que falo com o amor

Quase esperançoso, como se vivesse nela homem)

E atrás das borboletas amarelas também bem estava.

Em vez disso, às estrelas que me fogem, levanto

Mas o meu focinho nunca lhes toca.

Entra MARQUÊS DE ANDERVILLIERS, com uma mão de cerejas

MARQUÊS

Perdoe-me.

EMMA

Perdoo. A qualquer conversa dou eu a desculpa.

MARQUÊS

É aqui que vive o Senhor Charles?

EMMA

O Bovary.

MARQUÊS

E a Senhora, da maneira ela?

EMMA

A Madame, Bovary.

MARQUÊS

Que maneiras.

EMMA

Diferentes das do meu Marido,

Não são?

MARQUÊS

Vim-lhe agradecer, que me curou aqui

Que tinha um abcesso na boca.

EMMA

Levo eu igual

A boca carregada dum peso que não sai.

MARQUÊS

Estas

Cerejas, são suas?

EMMA

São nossas, pode levá-las.

MARQUÊS

Dê-me um enxerto, em Vaubyessard as minhas

São raquíticas. Já sei, e se passarem lá os dois

No meu castelo?

EMMA

O Senhor tem um castelo?

MARQUÊS

Eu

Sou Marquês, o seu marido não lhe conta nada?

EMMA

Se calhar conta demais, mas a falta está em mim.

MARQUÊS

Fica combinado?

EMMA

Mulher não pode garantir isso.

MARQUÊS

Oh; a Senhora parece-me bem mais que o nome.

(dando-lhe uma carta, de pagamento)

Sai MARQUÊS, a Galga ladra por ele

EMMA

Calma Menina, não sabes que por bom pescar

Se faz melhor silêncio? Não são traças homens

Não basta dizer da nossa roupa, vem aqui trincar.

Que haja PANO

CENA 5

Que abra a cena a cima o PANO, com o som do abrir dum jogo de bilhar, e então aparece o MARQUÊS, de braço dado à EMMA, e o CHARLES a andar atrás, e tem vários HOMENS todos condecorados a jogar, e ao fundo quadros dos ascendentes do primeiro dito, que a EMMA lê

MARQUÊS

Joga Bilhar, Senhor Charles?

CHARLES

Eu não gosto de jogos;

MARQUÊS

Não gosta de se divertir?

CHARLES

São triviais; ainda me magoo.

Que apareçam os DITOS todos em baixo a um salão, e esteja lá a MARQUESA, que vem logo receber a EMMA, e a senta junto a si, num sofá, o CHARLES fica de pé, que não cabe, e passam pelo salão CRIADOS com bandejas, onde tem uma variedade de boa comida, e há um fogão ao fundo em que se aquecem HOMENS, com uma estátua de uma mulher

MARQUESA

Bons olhos.

EMMA

Diga?

MARQUESA

Não digo dos que tem (e são)

Mas de não tocar no copo com as luvas.

EMMA

Ah isso

Vi fazerem assim.

MARQUESA

Poh; é nível isso. Ter atenção.

Vê aquele que ali come?

EMMA

Vejo.

MARQUESA

Sogro do Marquês

Duque de Laverdière, dizem que era um amante

Da Rainha Maria Antonieta.

EMMA

A babar-se assim?

MARQUESA

(sorrindo, amiga)

Oh Menina, minta melhor, que é essa esta arte;

Saber que todos sabem e não dizer.

EMMA

É Lagosta

Não é brioche, eu também babaria.

(a MARQUESA ri-se, até com som)

CHARLES

(chegando-se acanhado)

Meu amor,

As presilhas dos sapatos vão incomodar-me

Quando for dançar.

EMMA

(a ele virando-se incomodada, que a MARQUESA não oiça)

Dançar? Mas tu estás maluco

Pa' fazerem pouco de ti? Fica no teu lugar Charles

És um médico.

(ela olha em frente, ele para ela, e tenta dar-lhe um beijo no ombro)

Deixa-me! Amarrotas-m'o vestido.

(a MARQUESA nota, de rabo d'olho, que tinha parado de olhar, por descrição)

Que abra a cima o PANO ao som da rabeca, e então haja música de dança, e apareçam, HOMENS e MULHERES dançando

MARQUESA

Vai dançar?

EMMA

(hesitando, logo)

Vou-me pôr na fila.

CHARLES

Emma, Emma!

Não me deixes sozinho.

EMMA

Oh mas tu vês Charles,

Quão brutal é o facto, deste mundo ser tão fácil?

Uma lenda é aquilo. Um dormidor de corte oh

Morrer d'enfarte. Todos vaidosos, e nós o quê?

Somo-lhes coisas de domínio regular, e até a cor

Lhes faz olhar-nos de queixo alto.

CHARLES

Não interessa.

Interessam nada, nenhum destes qu'aqui estão.

Não estamos bem os dois, eu e tu? Emma, ouve!

Sai EMMA primeiro, e CHARLES atrás, havendo PANO a baixo, e aparece só ela em cima, dançando entre os ditos, que vão parando e ficam a ver das paredes, comentando, e ela já tendo dançado, trocam os ditos para Valsa, que ela não sabe, e então aparece a ela um VISCONDE, que lhe pede a mão na esquerda, e ela resistindo, entra o CHARLES do outro lado direito, nas costas do dito e então ela aceita, e o VISCONDE com habilidade a roda, até que ela fica suada, arfando, e ele sai com ela de cena na esquerda, apoiando-a em si, e volta rápido, que ninguém note, exceto o CHARLES, que se senta, e depois sai, não conseguindo ver mais, e dançando então o VISCONDE com outras MULHERES, eventualmente há PANO em cima, pingando a sair gente, e então passado um pouco, ouve-se um som de solavanco de uma roda, e aparece do PANO em baixo, EMMA num Boc virado à esquerda, e ela atrás na direita e o CHARLES na esquerda dela, ela levantando-se pondo os joelhos no banco, e olhando para trás

EMMA

Podia jurar, que ia ali o Visconde a cavalo.

CHARLES

Oh

Fiquei cinco horas de pé a ver desses a jogar

(desce, para ver o que é, descalço, queixando-se quando pisa)

Whist. Não valem nada, olha, uma charuteira.

(mostrando uma charuteira de seda verde, com brasão)

EMMA

Terá ele atirado, porque me viu passar?

CHARLES

Tem dois

Fumo-os hoje.

EMMA

Tu fumas?

CHARLES

Tanto quanto a ocasião

O prazer oferece.

EMMA

Pf; prometo-te, se chegar eu
A casa e não estiver o jantar pronto, despeço-a.

CHARLES

A Natasie? Que te fez ela?

EMMA

Tudo e nada, que dói
(caindo ao assento, cai no lugar do CHARLES, de braços cruzados, o CHARLES para não a incomodar tem de ir à volta, sempre que pisa a dizer aiai)
E muito mais, quando quem nos deve não faz.

CHARLES

Des' que não a despeças a valer, tu berra-lhe.
(voltando a cima)
Afinal não era nada, só por isto ficou preso.
(a procurar na charuteira)

EMMA

(para si, a olhar para a plateia)
Se ficar eu demente que este baile não esqueça,
Pelo menos este vestido caríssimo. Vou chegar
E mete-lo logo no armário, roça-me com'ao chão
Algo que só me tocou com a mão, e tem-me igual
Presa.

Que haja PANO, ele batendo o chicote, e passado um pouco, em cima abre o PANO, entrando EMMA com uma caixa que poussa, e está acesa uma fogueira, e há um cântaro com água

EMMA

(mexendo as brasas, deita lá cartas da caixa, como lixo)
Volto a espalhar as brasas contra o Inverno
Porque tenho pudor de fazê-lo na minha alma

E ir conversar com a nova Criada.

(tira a charuteira, e indo a deitar à fogueira, sente o forro à bochecha, e cheira como uma flor, fundo)

Já este forro

Que teve a mão do Visconde, me dá a Primavera
Arquejando um dorso longínquo, de nenhures aqui
Para me segurar o coração. Não é preciso ao amor,
Com'á planta indiana, solo preparado e próprio tempo?
(Nem sei se pergunto, mas penso) que nesta bolsa
Que resmas de tabaco tosse, onde pousei eu semente
Que Homem me seja este cheiro? Já nem eu lembro
Se usava patilhas ou não, mas sinto aqui no peito
Rodar-m'a Valsa ainda. E como se leva uma concha
À orelha, ponho esta ao peito, e uma catedral
De mar inteira ecoa aqui dentro, nome qu'eu nem sei.
(cheira fundo de novo)

CHARLES

(chamando de fora, ela salta)
Despacha-te Emma, temos d'ir!

EMMA

Qu'atrevimento é

Dizer o meu nome aquela boca! Apanhou-m'a dor
E agora leva-nos a Rouen, como se fosse a terra
Que nos cura do perder do tempo. Apetece-me
Bater-lhe, passa a língua, faz barulho nos dentes
Corta as rolhas depois de beber as garrafas. Tudo
M'irrita nele. Em toda a gravata qu'eu-lhe componho
Acha-me carinho, mas não vê que estou tão mal ligada
Àquela coisa moribunda, que compô-lo é a maneira
De m'acalmar ele saindo. Que vá e me venha algo,
Como tempestade ao Marinheiro, e num perigo
Me desloque que aqui morro (e pior, morro com ele).
(indo a pôr a charuteira na caixa, para levar consigo, pica o dedo, e suga magoada)

Flores de laranjeira, cumprimentam-me.

(tira o ramo do casamento)

Coisa vil

Como a milheira, que faz alarido fora da copa

Também vejo aqui, a minha alegria sair de ti

Extinguida lentamente da natura a natureza.

Desfiadas estas fitas de cetim com debrum de prata

Como fez anel dourado, dos laços dum casamento.

(atira à fogueira)

Torcei arames, igual um caixão em mim estala

São costelas, que são a um chilro gaiola, e cedem.

Que haja PANO, ela atirando a água do cântaro à fogueira, ficando tudo escuro